Recebido em: 10/09/2014 Parecer emitido em: 17/09/2014 Artigo original

PINHO, V.A. de; GRUNENNVALDT, J.T. O futebol e o negro: sociedade e cultura no esporte em Cuiabá. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, vol. 13, n.3 - suplemento, p. 93-102, 2014.

O FUTEBOL E O NEGRO: SOCIEDADE E CULTURA NO ESPORTE EM CUIABÁ

Vilma Aparecida de Pinho[1], José Tarcísio Grunennvaldt[2].

RESUMO

A pesquisa analisa as configurações que os sujeitos possibilitam nas relações de interdependência promovidas pelo futebol, com ênfase no negro e no futebol em seus aspectos culturais, econômicos e sociais, objetivando compreender os significados desse esporte na vida de jogadores negros em MT. Nesse sentido, estuda-se as histórias de vida destacando os hábitos e práticas em relação ao esporte, as relações no futebol e o seu significado para os sujeitos. Perguntamos o seguinte: como era o futebol nas décadas de 1950/60 em Cuiabá e quais relações de interdependência foram configuradas com o negro no futebol mato-grossense? Os sujeitos do estudo são jogadores negros campeões que atuaram nas décadas de 1950/60 em Cuiabá. Esta pesquisa é orientada pela concepção dialética e fenomenológica, cujo objeto é construído a partir da relação indivíduo e sociedade, enfocando o negro em inter-relação com o branco no futebol. Busca-se situar os sujeitos na vida cotidiana, com suas percepções e preocupações, revelando "os significados subjetivos implícitos que penetram no universo dos atores sociais". O enfoque dialético abrange a compreensão das transformações dos sujeitos na relação dialética homem/mundo e da sociedade humana, fazendo a síntese entre o passado e o presente. As entrevistas foram realizadas durante os meses de julho e agosto de 2014 com Accácio, 74 anos que jogou no MEC – Mixto Esporte Clube e no Rondonópolis Social Clube contando dez anos de atuação no futebol; e Marcelo, 72 anos que jogou no Mixto por dois anos, foi campeão em 1959 e 1962. No certame de 1959, o Mixto conquista seu nono título em treze certames e também apresenta a maior goleada quando venceu por 10 x 0 o Aeroviários. Os resultados indicam que o futebol se amparava nas normas do esporte amador, mas, embora, a maioria dos jogadores viesse das camadas populares o *status* de futebolistas de sucesso possibilitou aos negros a construção de redes de apoio e vinculações substanciais no mundo do trabalho, pois o pertencimento ao clube funcionava no interior de sociabilidades que tinham conexões com outras esferas da vida. O sentido da diferença racial foi ressignificado, mas ainda assim, por vezes, os jogadores negros restringiam os grupos de contato a fim de evitar constrangimentos. O futebol era amador naquele contexto histórico. Entretanto, observamos evidências de profissionalismo pelas atitudes e procedimentos dos jogadores negros em relação ao esporte, pela dedicação aos treinamentos, pelos cuidados com o corpo e pela energia dos pensamentos que focavam durante a concentração: "temos que ganhar". O especial apreço pelo futebol arte valorizando o domínio das normas do esporte e os elementos técnicos e táticos do jogo expresso nas narrativas evidencia isso. Os resultados da pesquisa possibilitam afirmar que as configurações dos sujeitos criaram uma estrutura tangível de materialidade e subjetividade que serviram para as novas gerações de crianças e jovens e a população em geral criarem subjetividades com o esporte. De fato, desenvolveram o aparato cultural (simbólico) para o crescimento do futebol que se constitui importante atividade de lazer no estado de Mato Grosso.

Palavras-chave: Futebol. Jogadores negros. História de vida.

THE FOOTBALL AND THE BLACK PEOPLE: SOCIETY AND CULTURE IN SPORT IN CUIABÁ

ABSTRACT

The research analyzes the settings that the subjects allows in the relations of interdependence promoted by football. It gives emphasis to the black people and the football in the cultural, economic and social aspects, in order to understand the meanings of soccer in the lives of black players in MT. In this sense,

it is studied the life backgrounds, highlighting the behaviours and practices in relation to the sport; relations in football, as well as the significance of sport for the subjects. Asked the following: How was football in the decades of 1950/60 in Cuiabá and what relationships of interdependencies have been configured with the black people in the matogrossense football? The subjects of study are champions black players who acted in the decades of 1950/60 in Cuiabá. This research is guided by the phenomenological and dialectical conception, whose object is constructed from the relationship between individual and society, with focus on the interrelationship between black players and white players in football. It seeks to situate the subject in everyday life, with their perceptions and concerns, revealing "the implicit subjective meanings that enter the world of social actors". The dialectical approach includes understanding the transformations of the subjects in the dialectic man / world and human society relationship, making the fusion between the past and the present. The interviews were conducted during the months of July and August of 2014 with Accacio, 74 years old, who played in MEC - Mixto Esporte Clube and Social Club Rondonópolis in a total of ten years action in football and; Marcelo, 72 years old, who played in Mixto for two years, was champion in 1959 and 1962, they were the research subjects. In event 1959, the Mixto wins its ninth title in thirteen contests and also features the biggest win when it won by 10 x 0 playing against the *Aeroviários*. The results indicate that football was supported by the rules of amateur sport, but, although most players came from working class the status of successful players allowed blacks people to build networks of support and substantial linkages in the workplace, because belonging to the club had a function within sociability that build connections to other spheres of life. The sense of racial difference was reframed, but still, sometimes black players restricted contact groups in order to avoid embarrassment. In that historical context the football was amateur. However, we observed evidence of professionalism by the attitudes and procedures of black players in relation to sport, the dedication to training, the care of the body and the energy of the thoughts that focused during concentration, "we have to win." The narratives expressed a special appreciation for the art of football valuing mastery of the standards of the sport and the technical and tactical elements of the game. The survey results, allow us to affirm that the settings of the subjects created a tangible structure of materiality and subjectivity that allowed the new generations of children and youth and the general population to create subjectivities with the sport. In fact, was developed the cultural apparatus (symbolic) to the growth of football that is an important leisure activity in the state of Mato Grosso.

Keywords: Football. Black players. Life background.

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa o futebol e o significado desse esporte na vida de jogadores negros, em seus aspectos culturais, econômicos e sociais. Os sujeitos do estudo são jogadores negros campeões que atuaram nas décadas de 1950/60 em Cuiabá. Trata-se de compreender pela história oral a vida de negros esportistas com ênfase na questão racial e no significado de ser jogador de sucesso naquela época.

A partir da noção de civilização (Processo Civilizador), processos sociais e figuração, conceitos caros a Norbert Elias, compreende-se o futebol e o negro como elementos estruturantes da sociedade brasileira. O esporte se constitui espaço de sociabilidade, se faz um lugar de produção de cultura nas relações sociais. A interdependência - conceito chave - de Elias é perfeitamente visível na relação sujeitos negros e esportes.

O futebol, assim como outras esferas da sociedade, apresentava barreiras sociais e raciais para o negro. Portanto, para que este grupo racial adentrasse nas redes de relações do esporte foi preciso não só mostrar exímia competência como contar com a sorte e lutar insistentemente para jogar e ser respeitado como *cracks* que eram. A luta de Leônidas é o caso emblemático do negro no futebol brasileiro, principalmente porque enfrentou o preconceito racial ainda na década de 1930, período em que as teorias raciais e as políticas de branqueamento eram abertamente utilizadas no processo de imigração e estruturação das recém criadas indústrias no país. Afirma Pereira (2000, p. 313) que Leônidas, Domingos, e também figuras célebres, como Fausto "Maravilha Negra", Ladislau, Gradin, "ao tirar do futebol seu sustento, atestavam, com o destaque que adquiriam através de sua participação nos times da Associação Metropolitana, que muita coisa estava mudando no cenário esportivo".

No que se refere às relações raciais, o conceito de "processo civilizador" expressa que as ações dos seres humanos ora são marcadas pelo controle dos impulsos (civilização), ora pela violência que exclui e recria outras configurações sociais. Nesse sentido, o processo civilizador (relações igualitárias entre negros e brancos) significa desenvolvimento de longa duração que por vezes retrocede porque não é linear, é conflituoso e complexo, pois são configurações que se manifestam nas relações de poder. Nesse processo do negro no futebol brasileiro, há inclusão e exclusão. Contudo, o negro no futebol brasileiro (RODRIGUES FILHO, 2003) que enfrentou o preconceito e a discriminação racial desempenha um duplo papel no desenvolvimento do esporte e na transformação social. Primeiro, como sujeitos da experiência configuram uma sociedade do lazer pelo esporte. Segundo, ao recriarem um estilo brasileiro de jogar futebol, "em suas obras de artistas populares, está subjacente um projeto cultural genuíno e permanente de autonomia social" (MURAD, 1996, p. 174). Dessa forma, não se assimila uma cultura de fora, mas ressignificando-a, formando uma dialética que renova e mantém, ao mesmo tempo, a necessária independência nos intercâmbios entre culturas diferentes. Trata-se, como afirma o autor, não de um projeto moderno, mas eterno de uma política cultural.

O futebol compreende um rito festivo, de natureza cooperativa, um "tempo e espaço" para fazer as multidões de misturarem, combinarem suas ideias e sentimentos, longas gerações acumularem suas experiências e saberes. Faz parte das "representações coletivas, arquetípicas de forte densidade simbólica para a realidade dos povos, de incalculável impacto para o imaginário humano" (MURAD, 1996, p. 66). Em outro lugar esse autor diz "o futebol é isso para os brasileiros, um misto de necessidades imediatas e práticas de luta e obtenção de resultados e objetivos, mas ao mesmo tempo, a expressão da alegria e da arte popular".

Com efeito, o futebol para os brasileiros não é alienação, é engajamento, eis que o povo constrói uma realidade com o esporte que dá sentido à vida. Flusser (1998, p. 100) indica que o futebol brasileiro é [...] "ontologicamente diferente do futebol europeu. Lá não passa de fuga alienada aberta ao proletariado. Aqui serve de canal para relações autênticas intra-humana". É mais fácil falar em termos de relativização de alienação, que se dá pela separação do sujeito de sua realidade, mas, se o ponto de partida do negro no futebol foi a alienação social (realidade) e no esporte realiza-se existencialmente dando um salto qualitativo, como não dizer que houve um engajamento?

O futebol como engajamento corresponde a mudanças individuais dos sujeitos e também dos processos sociais feitos por eles mesmos. Foi o jogador negro que imprimiu no futebol brasileiro um estilo próprio de jogar, com magia e arte. Leônidas, Domingos e Waldemar fizeram este instante inaugural, cujo destaque foi a jogada chamada de "bicicleta" que Leônidas inventou ao ficar de cabeça para baixo fazendo movimentos com a perna para cima chutando a bola. Esse estilo, criado por um jogador negro, foi socializado e inúmeros jogadores brancos fizeram sua ampliação, divulgação e consolidação (MURAD, 1996).

O objetivo deste artigo é analisar os significados do futebol na vida de jogadores negros em MT nas décadas de 1950/60 tentando compreender o sentido do esporte na história de vida, com ênfase no significado de ser jogador negro campeão no futebol. Queremos analisar as configurações que os sujeitos possibilitaram nas relações de interdependência promovidas pelo futebol. Nesse sentido, questionamos como se vivenciou as questões de diferença étnico-raciais. Analisa-se o esporte em Cuiabá; os jogadores em termos de hábitos e práticas em relação ao esporte; as relações e motivações favorecidas pelo futebol e o significado do esporte para os sujeitos. As questões principais são: 1- Como era o futebol nas décadas de 1950/60 em Cuiabá? Quais estruturas materiais se disponibilizavam para a prática do esporte? O que o futebol propiciou ao negro como jogador de sucesso?

A METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa é orientada pela concepção dialética e fenomenológica, cujo objeto é construído a partir da relação indivíduo e sociedade; especialmente neste estudo, enfoca-se o negro em inter-relação com o branco no futebol. Assim, busca-se situar os sujeitos na vida cotidiana, com suas percepções e preocupações, em intersubjetividades com seus grupos de pares em determinado contexto. Procuramos revelar "os significados subjetivos implícitos que penetram no universo dos atores sociais". O enfoque dialético complementa o fenomenológico uma vez que abrange a vida humana, que é social e está sujeita à mudança e à transformação e, como aporte teórico-metodológico, é crítico, pois busca "a compreensão das transformações dos sujeitos na relação dialética homem/mundo e da sociedade humana, fazendo a síntese entre o passado e o presente" (MINAYO, 2004, p. 68).

Realizamos a entrevista sobre história de vida com os jogadores de futebol durante os meses de julho e agosto de 2014 e obtivemos a autorização para divulgar suas narrativas e imagens. O perfil dos entrevistados é o seguinte:

1. Accácio, 73 anos, jogou no MEC – Mixto Esporte Clube, por mais de sete anos, e no Rondonópolis Social Clube por quatro anos. Atualmente leva uma vida modesta, mas tranquila. Faz fisioterapia por motivo de problemas na coluna e no braço direito. Vive com a esposa e uma filha do segundo casamento.
2. Marcelo, 72 anos, jogou no Mixto por dois anos, foi campeão em 1959 e 1962, deixou de jogar para estudar no Rio de Janeiro na escola de arquitetura. Vive no bairro Verdão e trabalha em uma empresa privada.

MEMÓRIAS DO FUTEBOL DE MATO-GROSSO

As memórias que os ex-jogadores de futebol disponibilizaram para nós apontam que o futebol foi o "campo de possibilidades" na formação pessoal e na criação de vínculos importantes que acabaram se constituindo redes de apoio para outras esferas da vida. Desde a infância dos jogadores negros, o futebol já aparece como brinquedo praticado entre os vizinhos. Havia campos de futebol nas redondezas; onde hoje é o centro da cidade de Cuiabá com seus prédios e comércio, havia os espaços que se constituíam lugar de encontros para o jogo de futebol. Acácio e Marcelo, até a adolescência, podiam circular pelas redondezas de suas casas, comendo "manga", tomando banho de córrego e jogando bola com os amigos.

O futebol se torna referência de vida, principalmente quando alcançaram a idade entre os 17 e 18 anos. Mas antes de tudo, era uma paixão. Havia dedicação e esforço. Mas, o que importava era a experiência lúdica e as sociabilidades, que se faziam uma constante naquele contexto:

> Futebol era paixão. A gente jogava porque gostava. Primeiro que não tinha mídia. Era rádio e jornal. Escrito e falado. Você jogava a troco de 10, 20 ou 30 reais (sic), quando ganhava, quando perdia você não ganhava nada.
>
> Ou então um emprego no governo, né? Ter um emprego era uma grande coisa na época. Ter seu salário do serviço, não do time que você jogava.
>
> Era tudo por amor mesmo, estava até discutindo com Acácio que a gente jogava por amor mesmo, sabe? Se a gente perdia entrava em depressão, não aquela depressão, mas numa tristeza profunda porque perdeu. Hoje os cara perde e tá na balada, não tá nem aí, cai dois milhões na conta dele e pronto. Nós quando perdia, Ave Maria cara! Era uma dor no coração que as vezes nem saía na rua. Quando perdia brigava, era o capeta. A gente não sabia perder, quando perdia discutia até com o próprio colega. Não gostava de perder, não. E não era só o Mixto não, era o Atlético, Dom Bosco, Cruzeiro, todos esses times aí. Era o maior prazer você ganhar e você passar e gozar o cara ... não tinha briga. (MARCELO, julho de 2014).

O futebol era amador no MT, permanecendo assim até meados da década de 1970. Tal configuração do futebol não permitiu que os jogadores, os sujeitos desta pesquisa, pudessem experimentá-lo sob o *modus operandi* do profissionalismo, ainda que "periférico". Mas naquela época, embora os jogadores em sua maioria viessem das camadas populares com baixo nível de instrução e trabalhassem de pedreiro, sapateiro, não esperavam, inicialmente, um retorno material do futebol, porque o jogo e o pertencimento ao clube funcionavam no interior de sociabilidades que sustentavam a continuidade no esporte.

> O presidente do Mixto era o Ranulfo Paes de Barros, era um cara doente por futebol, era um cara que almoçava futebol. Então ele conseguiu com uma turma que também gostava de futebol montar o Mixto. Mas eu não sei quando foi fundado o Mixto, quando eu cheguei ele já existia. Em Cuiabá ainda tem

> futebol amador, mas é muito mais bem recompensado do que amador daquela época. Nós ganhávamos 5 reais, naquela época 5 cruzeiros. A gente ganhava no intervalo uma garrafa de guaraná, mas não era terrível porque era aquilo que a gente gostava. Se ganhava vinha ali pra praça da república na matriz pra ganhar elogios, palmas... (MARCELO, julho de 2014)

Havia a tensão do jogo e a euforia de querer ganhar, mas o círculo de "amizade era sensacional, fantástico e recompensava o lado financeiro". Como jogadores de destaques que eram, se quisessem "arrumavam bons empregos", pois gozavam do prestígio social de ser jogador de futebol campeão.

> Todo mundo tinha, tinha seu serviço, mas torcedor tem seu preferido, "vou te dar um presente", na casa prado, as vezes você ia no presidente mesmo "to precisando de dinheiro" e ele te ajudava, mas o sagrado era do seu serviço. (Accácio, agosto de 2014).

Apesar de todo prestígio social, de fato, os jogadores entrevistados não conseguiam viver do futebol. Mas esses jogadores fizeram a alegria do povo (torcedores) cuiabana e mato-grossense, entre os períodos que vai de 1959 a 1974, jogando futebol com garra e dedicação. Mesmo Marcelo, que atuou por pouco tempo, foi campeão; Accácio era aclamado ao entrar em campo e o jogo tinha outro calor quanto jogava, porque era craque.

Marcelo salientou que, comparada ao futebol atual, era muito dura a vida de atleta naquela época, mas "era bom", "a gente não sofria não". O futebol fazia parte da cultura cuiabana e parece que as dificuldades atingiam a todos os envolvidos, inclusive os gestores, que eram pessoas de melhores condições econômicas.

> Pra mim era a paixão que fazia o clube viver... dos torcedores... do presidente... Ranolfo... que mantinham o time. Doutor Zelito... Aquele povo da Cândido Mariano que era fanático pelo Mixto, Ranulfo, Torquato... tinha vários ali que seguravam a bronca do Mixto... (ACCÁCIO, agosto de 2014).

Não havia estrutura para os treinamentos e nem para acolher os jogadores em concentração antes dos jogos: "acabava de comer a macarronada no almoço, descansava um pouquinho, colocava a chuteira no ombro e descia para o campo" (Marcelo). Para jogar, recebiam material "que precisava ver, meia furada, calção sujo..." (Accácio). Não havia, até um certo período, quem cuidasse das roupas dos jogadores. Depois, D. Preta, uma torcedora "fanática", passou a lavar e passar os uniformes da equipe.

O CUIABANO SE ORGANIZA E MOSTRA GOSTO PELO FUTEBOL

O desenvolvimento do futebol, em termos de gestão, estrutura física e recursos para remuneração dos jogadores, ocorreu em compasso com o desenvolvimento da cidade, da economia e da política. O Estádio Gaspar Dutra (Dutrinha) foi construído na esteira da construção do Maracanã no Rio de Janeiro, em 1950, impulsionados pela Copa do Mundo que ocorreria no Brasil. À época, o presidente Gaspar Dutra fez questão de um estádio no MT.

As primeiras competições de futebol em Cuiabá, capital de MT, eram feitas no campo do Colégio Estadual. Em Junho de 1952, com a inauguração do Estádio Dutrinha, conforme ficou conhecido, as competições passaram a ser realizadas naquele campo. A inauguração do estádio parece ter servido de estímulo para a organização dos campeonatos de MT, que passara a ter uma agenda repleta de certames todos os anos.



Figura 1. Desfile antes de um jogo.
Fonte: CMF – Confederação Matogrossense de Futebol.

Santos (2008) afirma que o primeiro campeonato no Mato-Grosso na configuração profissional aconteceu em 1967, com os seguintes clubes: Boa Vista, Dom Bosco, Mixto, Operário, Palmeiras, Riachuelo e São Cristóvão. Nesse certame profissional, o campeão foi o Clube Operário de Várzea-Grande, com Saldanha, JK, Gonçalo, Glauco, Darcy Avelino, Carlinhos, Beto, Ide, Fião, Gebara e Odenir, que jogou a final com o Mixto Esporte Clube: Wilson, China, Felizardo, Severino, Pelé, Ditinho, Ruíter, Sinfrônio, Delmare, Justo e Jaburu. Ganhando de 1 x 0 de uma campanha de sucesso.

O autor indica que a primeira partida de futebol internacional foi disputada em Cuiabá no dia 10 de agosto de 1965, entre as equipes do Operário de Várzea Grande e o Petrolero, da Bolívia. O resultado foi 7 a 1 para a equipe do Operário. Em 1966, ocorreu o último campeonato da fase amadora, com a participação do Atlético, Boa Vista, Dom Bosco, Internacional, Mixto, Operário, Palmeiras e Riachuelo. O campeão foi o time do Dom Bosco.

Para marcar a importância que o futebol adquire no estado, na década de 1960, o Santos (de Pelé), veio fazer uma exibição no Dutrinha. O time de Pelé ficou hospedado no hotel Alvorada e os jogadores foram conduzidos até o campo sob forte esquema de segurança, devido aos fãs que assediavam fortemente Pelé, grande jogador de futebol. Dada a quantidade de torcedores, o Estádio teve seus portões fechados bem antes do início da partida. Esse amistoso teve o seguinte resultado: Dom Bosco 2 x 6 Santos, com gols: Pelé (3), Coutinho (2), Peixinho, Belo e Didi. (SANTOS, 2008, 65).



Figura 2. Equipe do Mixto Campeã de 1959
Fonte: CMF – Confederação Matogrossense de Futebol.

Os jogadores entrevistados são Accácio e Marcelo, ambos na parte de baixo da imagem. Accácio é o primeiro da esquerda para a direita. E Marcelo o terceiro. Nesse certame de 1959, no qual o Mixto foi campeão, houve a participação de dez equipes: Aeroviários, Americano, Atlético, Campinas, Dom Bosco, Mixto, Operário, Palmeiras, Santo Antônio, XV de Novembro. Nesse campeonato, o Mixto conquista seu nono título em treze certames e também apresenta a maior goleada vencendo por 10 x 0 o Aeroviários. Bianchi marcou 30 gols, estabelecendo um recorde que perdura até hoje. (SANTOS, 2008).

AS QUESTÕES RACIAIS E O FUTEBOL

Marcelo Gonçalves, fazendo uma comparação com a luta do negro no Rio de Janeiro e São Paulo para jogar futebol, afirma que quando começaram jogar em Mato Grosso, no Mixto, "o negro já era aceito". "Na minha época os negros já eram os grandes jogadores de futebol, nós jogamos numa época em que os negros já eram aceitos no futebol". Porém, sabemos que o futebol começou no Brasil extremamente elitista e racista, exigia-se uma certa tradição e condição social para jogar futebol nos clubes que se formavam (como o Fluminense) nas primeiras décadas de 1900 no Rio de Janeiro. Os critérios excluíam os negros do processo. Friedenreich era o único jogador mulato, "mais uma prova de que futebol era jogo de branco". (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 119). Para muitos homens negros, sofridos com as barreiras raciais no pós-abolição, "dar um chute na bola era um ato de emancipação", o jogo, do lúdico, tornou-se trabalho. (ROSENFELD, 1993, p. 85). Afirma Murad (1996) que havia uma conjuntura pós-alforria, que compunha a estrutura discriminatórias da formação social brasileira:

> Nos primeiros clubes de futebol brasileiros impuseram critério de cor e classe. Barreiras sociais rígidas, intransponíveis, nas primeiras décadas, verdadeira violência contra negros, mulatos e brancos pobres. Esta sim a primeira forma de violência do futebol brasileiro. [...] perfeitamente bem enquadrada naquele *zeitgeist* estigmatizante. (Idem p. 96). Os grifos são do autor.

Pereira (2000) afirma que foi no sistema de profissionalização que houve a oportunidade de diluir as barreiras de raça/cor, por volta de 1933, quando jogadores negros, como Domingos e Leônidas, se projetavam, a despeito da discriminação racial, no futebol nacional e internacional. Havia a garantia de jogadores negros nos clubes brasileiros, mas a igualdade de oportunidades em outras esferas da vida como acesso a educação, trabalho, saúde e moradia estava longe de ser uma realidade. No futebol, significativo esporte no país, as tensões raciais, aparentemente, deixam de fazer sentido, a partir dos anos de 1930.

> A regulamentação do profissionalismo aparecia, nesse contexto, como uma solução perfeita para essa crescente tensão racial. Ao diferenciar claramente jogadores de sócios, ele permitiria que fossem respeitados os critérios técnicos de escolha das equipes sem que se dissipassem o preconceito e as discriminações raciais que se faziam presentes em torno de jogadores como Leônidas e Grandin. (PEREIRA, 2000, p. 325).

No Mixto, havia as relações étnico-raciais como em outras partes do país, ou seja, não havia conflitos diretos, o negro se relaciona, mas de um lugar de subalternidade social, pois, mesmo sendo ele o artista da bola, era o branco que reunia condições para arranjar postos de trabalhos para àqueles jogadores. Essas relações, certamente, embora não tenham sido percebidas por nossos entrevistados, eram revestidas de descompassos, pois se manifestavam pelo paternalismo daqueles que se encontravam em condições de poder.

> O futebol pra mim foi benéfico, que trabalhei no Banco da Lavoura, nem sei se tem ainda esse banco, depois passou pra Banco Real, esse acabou? Agora é Santander. Eu trabalhei [...]. Ranulfo tinha um advogado amigo, primo dele...Eu trabalhei lá, me arrumou serviço lá, eu trabalhei lá 6 anos. Enquanto eu trabalhava eu jogava futebol. Mas eu já não era o Accácio, porque eu não ia deixar meu trabalho, meu ganha pão para treinar. Aí foi acabando, foi encerrando a carreira, você perde o físico... [...] (ACÁCIO em agosto de 2014).

Fazia-se, mais ou menos, um sistema de troca: eu arranjo o emprego e você continua no futebol. Porque, como disse o jogador, o futebol não tinha dinheiro e ter um emprego naquela época era uma "grande coisa". Desse modo, podemos dizer que o prestígio social causado pelas consecutivas vitórias no Clube Mixto e no selecionado de Mato Grosso e as competências pessoais dos jogadores negros, abriram as oportunidades para outras esferas da vida, como o trabalho e as realizações simbólicas e materiais que advêm dele.

Além da mediação para o trabalho, consequência do desempenho em campo e do *status* de futebolista, os elementos simbólicos que o futebol favorecia transcendiam o lado material da vida. Os jogadores de futebol, ao ganharem os campeonatos, eram levados em cortejos de festa, acompanhados de carros e pessoas dançando e cantando, até a praça da República, localizada em frente a Igreja Matriz, onde recebiam todas as honras e glórias que mereciam jogadores campeões: "Se você conseguia se destacar no time, você era paparicado, você tinha boas amizades, essas boas amizades faziam bons frutos para você". (MARCELO, 2014); "Eu era um jogador que andava sempre bem vestido, além do salário, tinha uns fanáticos que me davam as coisas". (ACCÁCIO, 2014).

Infelizmente não tivemos acesso aos registros das ações desses jogadores em campo, mas pelas descrições e quantidade de vitórias, podemos deduzir que faziam jogadas artísticas que atraíam os torcedores para o campo e traziam resultados para o clube. Em um dado momento de minha conversa com Accácio, ele mira uma foto e contempla-a por alguns minutos, trazendo à memória os feitos daquela época no futebol:

> Foi contra o Atlético, nos concentramos "tem que ganhar esse jogo". Esse aqui é Ruíter, careca de uma vez, o resto tudo morreu, sentado aí só eu e Ruíter vivo. Pelé morreu, Mestre morreu e Júlio Cesar, os três já faleceram. Eu gostava do conjunto, era um time bom. Nós fomos campeão invicto. Não perdemos pra ninguém, tivemos dois empates com o Palmeira, time bom... saudade... o Ruíter fazia o que queria com ela... (a bola) Centro avante é sempre jogador alto... Ruíter era craque... e eu pela direita pintava o sete... (ACCÁCIO, 2014).

"Pintar o sete", como disse Accácio, se referindo ao seu futebol, significa fazer arte com a bola em campo e levar a torcida ao delírio. Por isso, afirmamos, esses jogadores faziam o futebol poesia que emerge "do *acaso ativo* da imprevisibilidade produzida, da criação inesperada, que se expressa em dribles, volutas, volteios, firulas, folhas secas, corta-luzes, chapéus e passes inesperados no vazio" (WISNIK, 2008, p. 132).

> Nunca gostei de perder. Entrar em campo era ganhar, empatar. Mas não gostava de perder. Semana de jogo eu gostava de dormir cedo, concentrar. As vezes se tinha um clássico assim a gente ia dormia lá no Misto, na Cândido Mariano. Hoje é difícil, o jogador nem tem domínio de bola. A bola bate na canela e sai fora, ele não sabe driblar. Eles tocam mais a bola do que tenta dar um drible. Eu partia pra cima pra driblar, pra jogar, fazer uma boa jogada. (ACCÁCIO, 2014).

As práticas e os hábitos dos jogadores permeavam a seriedade do profissionalismo, quando faziam, apesar de certa precariedade material, concentração e se dedicavam ao máximo para apresentar resultados positivos. Esse jogador, especialmente, disse que cuidava do "corpo": dormia cedo e se alimentava no restaurante do Clube permanecendo no local da concentração, descansando e pensando positivo. Observe que Accácio descreve os elementos técnicos do futebol com a consciência da necessidade do domínio desses aspectos na fruição do jogo com responsabilidade. Apresentam-se na sua narrativa evidências de conduta do profissionalismo.

Ser jogador negro campeão tornava mais leve a condição de ser negro em uma sociedade racista. Observe pela narrativa seguinte que os jogadores negros, embora fossem bem recebidos, frequentavam com receio as festas da elite. O ser negro exigia uma vigilância constante para se resguardar de situações constrangedoras. Ou seja, havia um processo de aceitação e negação dependendo do espaço social, uma vez no clube, era herói, mas uma vez na sociedade era negro, estando passível de ser discriminado.

> Eu sei que o futebol tem dessas coisas, vou dizer pra você que eu sempre evitei sair assim, nos clubes que era mais frequentado por pessoas que eram da elite, pra evitar certas coisas porque eu sou negro né? Mas, através da bola a gente era convidado e a gente ia meio receoso, mas sempre tinha um outro negro junto comigo, Glauco, eu acho que você vai falar com ele, Glauco é meu compadre. (ACCÁCIO, agosto de 2014).

Creditamos ao futebol e ao negro a transformação do estigma racial (símbolo da inferioridade no Brasil), em diferença racial, distintivo identitário que funciona como "uma fissura que agrega o grupo à estrutura social". (HALL, 1999). A identidade racial do futebolista negro se constitui na complexa relação, daí a auto-proteção e a necessidade da companhia de seus pares (negros), eis o significado de Glauco para Accácio. Talvez era por isso, além do legítimo reconhecimento da competência dos amigos com a bola, que Leônidas cobrava a inclusão no selecionado carioca de outros jogadores negros (PEREIRA, 2000).

> Então... mas sempre tinha os cara, branco, negro né? A gente sempre foi recebido, nas festas das pessoas que se diziam da elite. Mas eu era meio "hoje, eu não vou não", mas as vezes vamos Accácio, ahh vamos lá... Eu não sei se ainda existe (racismo). Eu acho que sim. Eu não sei porque, eu acho que tudo que aconteceu comigo foi através do jogo da bola, onde eu ia eu era bem tratado, igual meu compadre, onde chega é bem chegado. Mas também sabe entrar e sair. Ta entendendo... A pessoa tem que saber. Caso contrario. Você tem que saber entrar e sair. Não é porque você é jogador de futebol que você pode entrar num aniversario, num ambiente familiar, entrar e fazer palhaçada. (ACCÁCIO, agosto de 2014).
>
> Eu pelo menos nunca sofri. Muito pelo contrário. O preconceito racial existe até hoje, um preconceito escondido... (MARCELO, agosto de 2014).

CONSIDERAÇÕES

Ao analisar o futebol em Cuiabá/MT nas décadas de 1950/60 com o enfoque no desenvolvimento do esporte e nas questões do negro, evidenciamos como ocorriam as relações e o significado das vivências de negros no futebol. O futebol se amparava nas normas do esporte amador, no qual os jogadores não recebiam ordenado. Pelo *status* de futebolistas de sucesso construíram redes de apoio e sociabilidades substanciais para o trabalho. Especialmente os negros requereram, mediante o futebol, colocações em postos de trabalhos a fim de garantir a sobrevivência. Nesse sentido, a prática do esporte paulatinamente foi fragmentada, pois diante da necessidade, embora fossem apaixonados pelo futebol, fizeram a opção pelo sustento da família (Accácio) e pela formação (Marcelo). É válido destacar que Accácio conseguiu conciliar durante mais de dez anos futebol e trabalho, mas foi desistindo de jogar ao perceber o prejuízo no seu desempenho, segundo ele, pela falta de treinamento.

Os negros eram considerados pessoas importantes, mas ainda assim, por vezes, restringiam os grupos de contato a fim de evitar constrangimentos. Os mecanismos de auto-proteção foram expressados nas narrativas pelos futebolistas que percebiam o preconceito e discriminação em relação a raça/cor.

Embora o futebol fosse amador naquele contexto histórico, observamos pelas atitudes e procedimentos em relação ao esporte, evidência de profissionalismo por parte dos jogadores sujeitos dessa pesquisa. A seriedade com a qual lidavam com o futebol foi percebida por nós, pela dedicação aos treinamentos, pelos cuidados com o corpo no que se refere ao descanso e alimentação, e pela energia dos pensamentos que focavam durante a concentração: "temos que ganhar". Os resultados deste estudo indicam também que os jogadores negros nutriam um especial apreço pelo futebol arte valorizando o domínio das normas do esporte e os elementos técnicos e táticos do jogo.

O Mixto Esporte Clube fechou as portas, mas o sentimento de amor pelo futebol ficou enraizado no imaginário social, daí a importância dessa geração de jogadores, especialmente dos negros, pois contribuíram, sobremaneira, com as novas gerações e a população em geral na criação de subjetividades com o esporte. De fato, podemos afirmar que as configurações dos sujeitos criaram uma estrutura tangível de materialidade e subjetividade no esporte. Ou seja, mesmo no esporte amador, os jogadores, se dividindo entre o futebol e o trabalho, desenvolveram o aparato cultural (simbólico) para o crescimento do futebol que se constitui importante atividade de lazer no estado de Mato Grosso.

REFERÊNCIAS

FLUSSER, V. **Fenomenologia do brasileiro**. Rio de Janeiro, RJ: Eduerj, 1998.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 1999.

MINAYO, M.C. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, SP: Hucitec, 2004.

MURAD, M. **Dos pés à cabeça**. Elementos básicos de sociologia do futebol. Rio de Janeiro, RJ. Irradiação Cultural, 1996.

PEREIRA, L.A.M. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2000.

SANTOS, S.S. Concurso-Prêmio "A história do futebol mato-grossense": O futebol matogrossense através dos tempos. **Assembleia Legislativa**. Cuiabá, MT, 2008.

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro, RJ: Mauad, 2003.

ROSENFELD, A. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, Edusp, Ed. Unicamp, 1993.

WISNIK, J.M. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2008.

FONTES ORAIS

GONÇALVES, Accácio. Entrevista aos autores. Cuiabá-MT, julho/agosto de 2014.

GONÇALVES, Marcelo. Entrevista aos autores. Cuiabá-MT, julho/agosto de 2014.

[1] Universidade Federal Mato Grosso - UFMT; Universidade Federal do Pará - UFPA.
[2] Universidade Federal Mato Grosso - UFMT / Programa de Pós-Graduação em Educação Física - PPGEF.

Órgão de Fomento: Cnpq – PNPD – Programa Nacional de Pós-Doutorado.

Rua Altamira, 11, quadra 01
CPA 1
Cuiabá/MT
78055-030